



POR UMA HERMENÊUTICA DA MEMÓRIA: O TEMPO DISPUTADO NA CRONOPOLÍTICA

TOWARDS A HERMENEUTICS OF MEMORY: DISPUTED TIME IN CHRONOPOLITICS

Rodrigo Tavares Godoi*

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

 <https://orcid.org/0000-0002-6334-7808>

htgodoi@hotmail.com

RESUMO: O tempo em disputa requer uma política da memória que aqui a consideramos cronopolítica. Uma discussão dependente da experiência estética que, hermeneuticamente, entre forma e conteúdo, desdobra-se forçando uma ambivalência interna à necessidade da forma expressa em conteúdo controlado, disputado. A ambivalência faz-se no interior de uma imagem-originária que visa marcar uma cadeia significante. A este respeito, daremos atenção ao caso de Rondônia em contexto que reflete uma experiência estética do militarismo e em como a necessidade da forma controla um discurso que tem como fundo e relevo quatro imagens em movimento: Marechal Rondon, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), Três Caixas D'Águas e a Capela de Santo Antônio de Pádua. Imagens que energizam o sentido de originário ao rondoniense cuja consagração se deu em contexto do ex-governador Coronel Jorge Teixeira de Oliveira (1979-1985).

PALAVRAS-CHAVE: Imagem-originária; experiência estética; hermenêutica da memória; cronopolítica.

ABSTRACT: The Time in dispute requires a politics of the memory that we consider chronopolitical here. A discussion dependent on the aesthetic experience that, hermeneutically, between form and content, unfolds forcing an internal ambivalence to the need for the form expressed in controlled, disputed content. The ambivalence takes place within an originally-image that aims to mark a significant chain. In this regard, we will pay attention to the case of Rondônia in a context that reflects an aesthetic experience of militarism and how the need for form controls a discourse that has as its background and relief four moving images: Marshal Rondon, the Madeira-Mamoré Railroad (EFMM), Three Water Tank and the Chapel of Saint Anthony of Padua. Images that energize the sense of originally from rondoniense, whose consecration took place in the context of former governor Colonel Jorge Teixeira de Oliveira (1979-1985).

KEYWORDS: Originally-image. Aesthetic experience. Hermeneutics of memory. Chronopolitics.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás – Goiânia, GO. Atualmente é professor do Departamento Intercultural da Universidade Federal de Rondônia – Ji-Paraná, RO – na subárea de concurso em Teoria e Filosofia da História.

INTRODUÇÃO

As disputas pelo tempo se comportam como tônica. No campo da linguagem, ela pode ser entendida como ênfase, destaque, insistência ou expressão de uma vogal ou sílaba numa palavra. O que importa é o destaque à resiliência. Tanto uma criança quanto um adulto usam da tônica a fim de produzir efeito de indicação ou passagem de um significante para um significado – especialmente quando a intenção é a retirada da metáfora. Mas, e quando esse sinal ultrapassa os limites da pura indicação de objetos/coisas para sentimentos e emoções? Quando eles incluem substituições ao amargor, ressentimento, luta ou protagonismos? Quando lidamos com a sensibilidade no cotidiano! Como uma hermenêutica da memória ou cronopolítica seria possível, nessa condição? Incluímos neste cenário a abertura que pode representar ferida, trauma, dívida assim como controle, poder, disputa. Enquanto temporalização o passado deve ser contado, descrito e inscrito. Não se retira o corpo, pois se trata de sangue e carne que pulsa a energia do afeto tanto quanto da antipatia.



www.revistafenix.pro.br

PRAZER PELO PASSADO

O que acabamos de introduzir é uma cadeia significativa que pode ser confundida com acesso. Esta afirmação pode colocar em tensão interpretações que, a nosso ver, oscilam em: historiadora, antropológica, filosófica, psicanalítica e arqueológica. Enquanto transdisciplinaridade este assunto requer um olhar antropológico (voltado à experiência temporal/subjetiva) e arqueológico (voltado ao corpo/inscrição). Porém, ambas fazem parte de um jogo jogado que tem suas regras discutidas enquanto ele é encenado nos espaços praticados (Bourdieu, 2014; Derrida, 1993). Sugerindo um caminho, tomemos um caso em especial que pode ser traduzido como energia da necessidade de uma forma, Rondônia.

Figura 1. Locomotiva 18, da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, em Porto Velho. Fonte: Wikipédia.

Figura 2. Ficheiro: Caixas d'água.jpg. . Fonte: Wikipédia.

Figura 3. Cândido Rondon Jovem, na Amazônia Brasileira. Fonte: Wikipédia.

Figura 4. Capela de Santo Antônio de Pádua. Fonte: Ipatrimônio.



O que encontramos no cenário acima é uma ambivalência (complementar). Nela nos colocamos de saída com Aleida Assmann (2011) ao se referir à relação história/memória enquanto retorno subjetivo e experiência de historicização. Uma com adesão à automatização e outra para a diferenciação. Isso porque enquanto temporalização há um esforço e ele pode ser estimulado com base no afeto ou em ideias de história. De toda maneira, enquanto ambivalência de tensão o jogo cronopolítico depende das finalidades. Que tipos de saturações de *agoras* implicam diretamente neste cenário? Duas hipóteses:

1ª Necessidade da forma – utiliza-se cronologia para atribuir prazer ao passado. Neste momento podemos recobrar a *Odisseia* de Ulisses que, ao retornar para casa, sentiu-se desencontrado no tempo. A relação entre a presença do corpo de Ulisses (retorno) e o canto do *aedo* (ausência/presença), houve o choro porque os gregos ainda não tinham aprendido a temporalizar (Hartog, 2003).¹ Uma dinâmica entre a autoridade e a divindade. A Musa fazia com que o *aedo* cantasse a *sobrevivência* dos homens no tempo com base em seus feitos (heroísmo). Eles, objetos dos cantos, precisavam estar mortos para o aparecimento de seus corpos virtuosos. A presença de Ulisses se tornara um desconforto, pois o tempo ficara desencontrado. Com isso nos interrogamos: qual a validade do testemunho, uma vez que, o termo ocular (prova) não pertencia a Ulisses? No caso rondoniense, o testemunho ultrapassa a experiência da historicidade; nele congrega o si, um corpo-identidade do desbravador, destemido, apoteótico enquanto

¹ Lembrando que o choro de Ulisses foi tomado como sensibilidade em relação aos gregos, uma vez que, essa expressão de afeto era para mulheres que choravam seus entes queridos mortos. Temos um sinal claro de ser parte do masculino uma razão da morte como parte do passado glorioso, por isso o choro como feminino representava o sentimento de perda ou luto (Hartog, 2003).

cadeia significativa. Isso significa mais energia. O objetivo é afastar-se da obscuridade do *inimigo* que faz parte da estrutura estruturante: o vazio, com suas raízes inculta e desgraçada, porém, esperançosa – como descrevera Rondon, em suas memórias, ao se referir à migração seringalista como resquício da civilização. Afastar-se dessa estrutura depende da superação e da liberação: romper com sociedades tradicionais e apegar-se ao trabalho.² Motivo pelo qual há subsunção do migrante, pioneiro, trabalhador de verdade para a consolidação da imagem-originária do rondoniense (Godoi, 2022; 2023). Essa política da memória visa mais que substituição de significativo, ela pretende energizar a passagem ou transposição como indicação, representa lugar-comum do *(r)appeler*.³

Marechal Rondon está morto, porém é o Marechal da Paz; Santo Antônio não é mais cidade, porém, incorporada a Porto Velho como parte da extensão do território de Mato Grosso que de confins passou a centro; a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré está desativada, mas no seu templo (museu) encontram-se os corpos dos trabalhadores da ferrovia. De ferrovia do Diabo para a consagração dos corpos virtuosos. As três Caixas D'Águas (Três Marias), patrimônio da cidade de Porto Velho que representa o nascimento majestoso de uma cidade poliglota que já teve o inglês como *idioma oficial* e símbolo da bandeira da cidade.⁴ A cidade projetada a fim de superar o inferno verde e as doenças que dizimavam pessoas no município vizinho. Exemplo de urbano e sanitário aos moldes do Instituto Oswaldo Cruz de sanitização. Cronologicamente uma epopeia iniciada pelos jesuítas e concretizada pelo sertanista Rondon.⁵ Sua consolidação se dá no governo Civil-Militar em 1982 com a oficialização do estado de Rondônia na figura do Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, homem que se encarregou de garantir a terra para quem trabalhava (títulos de terras para os agricultores), institucionalização da memória como história com o museu da Madeira-Mamoré conjuntamente com o projeto da

² Nas viagens, Marechal Rondon (1907-1909), deixou registrado em seus diários, passados a limpo, compilados e anexados à sua (auto)biografia, a necessidade de apresentar a noção de trabalho por parte dos seringueiros que habitavam o interior da floresta, até então, não conhecida por sua expedição. Seu objetivo era o de insistir na superação da civilização (Rondon, 1957 apud Viveiros, 2010).

³ Termo que adotamos para expressar a confusão existente entre chamar e evocar como recordação. Essa confusão pertence à memória cujo corpo coloca-se entre tempo e espaço. Significa que aquilo que é evocado assenta-se no plano do chamamento, pois se vincula ao *pouvoir-dire* (Godoi, 2022; Derrida, 1993)

⁴ Desde a construção da EFMM, com suas fases iniciadas desde segunda metade do séc. XIX, a imagem-originária de Porto Velho incorpora a internacionalização do trabalho e da formação étnico-racial. Esse prazer no passado recompõe uma historicidade cujo nascimento da comunicação/informação local se deu com o *The Porto Velho Times* (1909), jornal local redigido na língua inglesa.

⁵ Rondon venceu as *trincheiras* da floresta amazônica no final do ano de 1909 quando chegou à cidade de Santo Antônio do Madeira, doente e em ambiente insalubre. Após sua saída da localidade no início de 1910 para tratamento, registra-se que seu retorno, excluindo a expedição Roosevelt-Rondon, foi no ano de 1915 para inauguração definitiva dos ramais Santo Antônio-Jirau (Viveiros, 2010).

Fundação Nacional Pró-Memória, criação da UNIR e integração de Rondônia ao cenário nacional de rede de comunicação. Significa que a modernização corresponde a mais energia.⁶

2ª Conteúdo da forma – Compreende a historicidade para além da indicação do passado. O prazer pelo passado depende de seu encerramento para que ele retorne sem contestação. Sua protensão não depende de sentido da experiência do passado (Rüsen, 2009), mas de como os destinatários visam controlar e ordena-lo. Essa hermenêutica da memória depende de um princípio orientador: experiência estética e passado possuem naturezas distintas. Esta base reflexiva depende da diferenciação da história.⁷ Por isso, desagradável. Nela corre-se o risco do fortalecimento de menos energia, pois reativa o *inimigo*. O discurso da conservação, manejo, preservação, diferenças aparece como ameaça comunista, vadiagem, entrave, desvio da imagem-originária – acentua-se quando ele está sob a via do engajamento ou da militância ligada a populações tradicionais e dos povos originários em Rondônia, especialmente à questão do território.

No jogo da temporalização, Ulisses encaixa-se naquele que reconhece no *aedo* as imagens que lhes são enfatizadas em meio a performances – há simpatia de Ulisses no deslocamento do tempo e seu choro remete à nostalgia. Seu discurso epidíctico que agrada a plateia/ouvintes é velado pela Musa que lhe encobre com uma narrativa para além do fato empírico, ela sinaliza uma lógica (apodíctico) (Perelman, 2012). Essa forma narrativa está à cultura mitológica que precede a temporalização. Deste modo, o poder testemunhal depende de um conteúdo que não coloca a condição de ocular naquele que diz o fato, que o vivenciou pelo drama, mas por aquele que diz seu sentido institucionalizado, autorizado (Hartog, 2003). No *aedo* concentrava-se o *pouvoir-dire* institucional da Grécia Antiga enquanto arte da memória (Yates, 2007).

⁶ O ex-governador Jorge Teixeira marcou a consolidação de uma sucessão contínua e viabilizou sua continuidade. Rondônia é a marca que homenageia um homem ainda em vida por ter, em 1956, mudado o nome de Território Federal do Guaporé para Território Federal de Rondônia. Como último governo do Território Federal e o primeiro do Estado de Rondônia, Teixeira constituiu-se marca do lugar-comum pioneiro-migrante-trabalhador e do templo da memória dos corpos virtuosos virtualizados no museu da ferrovia (Godoi, 2022; 2023).

⁷ Para evitar confusão, essa diferenciação não prescreve a dependência da memória pela história. Há de se compreender que memória e história estão em tensão, pois seus regimes de historicidade exigem da experiência elementos distintos. Por isso, nem ambivalência e nem ambiguidade cabem nesta discussão, motivo pelo qual optamos em estabelecer a discussão com base na história/memória e evitar a conjunção e. Uma hermenêutica da memória concentra-se em como a memória orienta-se em vias de basear-se em evidências nutridas por indícios importantes para a história (Godoi, 2020; 2022; Godoi; Quadros, 2018).

A diferenciação ocupa lugar desagradável, pois sua antipatia recoloca em cenário o que deve ser esquecido como encobrimento.⁸ O desenvolvimentismo não se pretende lembrado a partir de experiências amargas, ressentimentos étnico-raciais, violência, desapossamento, desassistência do Estado.⁹ A epopeia visa cantar seus desaparecidos ou mortos tendo pelo passado o prazer, a superação do vazio, do si de outrora e do sofrimento.¹⁰ A positividade nessa cronopolítica assume o compromisso com os destinatários que enxergam em suas origens um discurso de continuidade com base em sucessões contínuas (superação). Neste caso, o tempo não possui novidade, o passado não pode ser modificado e o futuro nos aguarda. Essa cronopolítica do tempo o difunde desconsiderando contingências e circunstâncias cujos eventos imprimem uma dialética satisfeita somente na política da memória que produz apagamento do que é significado como negativo. No caso de Rondônia, lembrar sua estrutura estruturante, por exemplo. O sonogado da memória faz parte de um esquecimento de reserva, pois ele não é simpático e que deve ser encoberto – enquanto liberação e superação, substituição, preferencialmente.

Pelo conteúdo da forma compreendemos o que, imediatamente, o passado nos informa, e não é seu conteúdo fluido e plástico, mas que entre a imagem e a estética a experiência depende do poder-dizer. No bergsonismo a duração de uma imagem-lembrança não se confunde com a simulação de sua indicação. Neste caso, presume-se uma imagem-intuição (Bergson, 2014). Porém, como ela faz parte da sugestão e não acesso, a sua ação depende de como os corpos se orientam nos espaços praticados. É com esta informação que lidamos para falar de uma hermenêutica da memória. Considerando o corpo, uma arqueologia retórica e uma duração estética.

Nesta parte da segunda hipótese, precisamos considerar a primeira como uma fase cronopolítica da memória que visa mais energia, pois a temporalização é desenhada

⁸ Neste caso em especial, quando estamos falando de história considerando o cotidiano rondoniense, história e memória aparecem como disputas pelo tempo com base em uma ambivalência de oposição. Não há complementaridade, pois a política da memória depende de uma cronopolítica cuja estrutura estruturante, em retirada, faz parte de um fantasma (Godoi, 2020; Lacan, 2001).

⁹ A exceção para as circunstâncias narradas deve ser entendida considerando os pares antitéticos de amigo e inimigo. Sendo assim, como mais energia, a superação; como menos energia, o aviso de perigo em razão do mascarado (Koselleck, 2006; Deleuze; Guattari, 1997).

¹⁰ Aqueles que viveram a dramaticidade do cotidiano assentam-se como plateia e reconhecem a superação e, enquanto narrativa, o sofrimento se transforma em prazer. O sofrimento dá lugar ao espetacular, ao abandono da flexibilidade da vida, enquanto peso dramático das incertezas, ansiedades e circunstancialidades para o prazer, retirada do peso como forma de compreender certa cronologização coletiva sem perder-se. O deslocamento do tempo não é sentido, pois a presença dos corpos já está firmada na cadeia significativa da temporalização (Hartog, 2003; Bergson, 2014).

com base na necessidade da forma. A forma espelha um cenário que, no jogo do espelho quebrado, ignora-o em função de uma obsessão de passado que alimenta os destinatários a partir de uma experiência estética, cuja razão é combater o *inimigo*. Enquanto segunda hipótese, a ambivalência não pode ser enxergada entre memória e história, mas no interior da própria memória que, dispensando a diferenciação, exige uma cronologia indiciária sem interferir na evidência como efeito da modernidade. Sendo assim, a abertura que temos na segunda hipótese é de compreender uma dialética no interior da memória que a coloca em tensão com a história. Porém, neste caso, precisamos nos afastar da ambivalência (complementar/oposição) e centrar na hermenêutica. Interpretar a memória requer uma metodologia de pesquisa desagradável ao ponto de vista cronista, memorialista ou de engajamento e militância.

Falar de uma hermenêutica da memória persegue o cenário no qual a categoria experiência não pertence à linguagem da fonte assim como a privatização enquanto *(r)appeler* não esconde os sinais estruturais da lembrança. Esta afirmação é desagradável porque busca um caminho de exposição, uma epistemologia que fratura a memória nos caminhos da suspeição ou mais viva que a história. Sendo esses caminhos ambivalentes ou ambíguos. Por isso, corpo e inscrição dependem da experiência estética cuja razão evocativa deixa escapar uma natureza durável não apreendida narrativamente. Esse absoluto pode ser confundido com decorrido (acabado/selado) ou na função de uma escatologia e mística em razão de uma ingenuidade epistemológica (Koselleck, 2006). De nossa parte, ele (absoluto) desdobra-se hermenêuticamente enquanto misto, plasticidade, fluidez (Bergson, 2014).

A intuição está para uma polifonia, cuja realidade seja capturada por imagens (fotografias), objetos (artefatos), testemunhos orais (voz) apreendidos pela sensibilidade pesquisadora (interação). Um tipo de escuta cujo sentido está subsumido à linguagem da fonte como poder de veto *(r-appeler)*. Por outro lado, a intuição epistemológica contenta-se em crer na instrumentalização historiadora em nome da analítica da experiência passada. Nestes dois cenários, a intuição está refém de critérios de subjetividade e objetividade. Em sentido estético, a intuição está para um efeito de sentido no qual os espaços praticados são disputados pelos destinatários que visam, por meio de imagens-originárias, retratar cenários. A fim de não incorrer no erro da justificação de ações em referência viver-sofrer, a dialética assume um tom de contradição e liberdade. Deixando a discussão teórica e filosófica para outro momento, a esse respeito, o que pretendemos, neste momento, é atestar que, enquanto experiência estética, a interpretação não assume

o papel do anjo da história de Walter Benjamin (1984); impotente em relação ao tempo ou de adesão à transformação social engajada e militante. A história, nesse caso, assume o papel de demonstrar como eventos e estruturas interferem em imagens-originárias a depender da necessidade da forma na relação com seus conteúdos. Precisamos identificar o que transformamos e modificamos no passado quando o prazer e o sofrer são estimulados por ambivalências no interior do campo de batalha dos destinatários. Busca-se a novidade (Bergson, 1992; 2014).

AMBIVALÊNCIA ORIGINÁRIA

A partir deste ponto, em consideração às duas hipóteses, a aproximação entre imagem e originário visa um lugar-comum que alcança experiência e historicidade. Enquanto cronopolítica, um tempo *diffundido* e *confundido*; enquanto hermenêutica da memória, interação nos espaços praticados e protensão. Isso significa que falar ou considerar uma ideia de Rondônia deve lidar com o prazer pelo passado e as saturações de *agoras* como parte da necessidade da forma. O lugar-comum entre Rondon, Estrada de Ferro, Capela de Santo Antônio e as Três Caixas D'Águas energiza a imagem-originária que fortalece a identidade do rondoniense na epopeia do desenvolvimentismo. Qualquer outra ordem que fere essa cronologia dos fatos, não pode aparecer sem o protesto daqueles que continuam pensando o tempo com base na (pseudo) sucessão contínua motivados por certa nostalgia.

Os destinatários reconhecem no lugar-comum da imagem originária o trabalho como liberdade e autorização (Godoi, 2024). Então, temas ligados à questão indígena são aceitáveis em função do mito da transfiguração (Oliveira, 2002). Motivo pelo qual a reinauguração do Memorial Rondon, em 2023, tem subsumido nele o Centro Cultural Indígena e a Capela de Santo Antônio de Pádua do extinto município mato-grossense de Santo Antônio do Madeira. Um misto entre paz, pacificação, segurança nacional e comércio. Um homem que no drama de sua historicidade representou a si mesmo como pai de família, positivista, militar, sertanista; um transfigurado saído das terras de Mato Grosso e cidadão exemplar para a nação (Freire; Oliveira, 2006). Então, nada mais justo que, pela experiência estética, o marco rondoniano em Rondônia representar o prazer vestido em *Deus, Pátria e Família*, cuja sobrevivência de seu corpo virtuoso virtualiza-se

em meio ao templo da memória rondoniense.¹¹ Comemorar Rondon como mais energia à imagem-originária marca a origem de um estado forjado por uma lógica simpática e afetiva, pois Rondon, como mato-grossense, foi entusiasta da pátria e do espírito que hoje figura-se na máscara do *cidadão de bem*.¹² Essa cadeia significativa dispensa o interesse de historicizar o passado com vista à experiência da historicidade porque há uma exigência da memória coletiva.

A experiência não possui trato com a contingência e a estrutura que lhe agrada pode ser descrita no conceito de utopia de Reinhart Koselleck (2006), quando o futuro encontra o presente em função de sua concepção depender de uma expectativa do tempo no cotidiano (Heidegger, 2009). Nesse caso, a expectativa está fundando, continuamente, a experiência como efeito do discurso da modernidade. Como ler essa dinâmica no caso da política da memória ou da memória coletiva? Uma resposta mais elaborada a esta pergunta dependerá da distinção a ser realizada por observarmos os regimes de historicidades.

O que aparece como lugar-comum, em um único sinal Marechal Rondon, Capela de Santo Antônio, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e as Três Caixas D'Água, nos viabiliza apontar para diferenciação entre rosto e máscara. Mesmo assim, como citamos o bergsonismo, não podemos confundi-lo com ontologia da memória por crer no acesso ou na duração como absoluto no sentido epistemológico. Há uma sugestão que nos alcança unicamente via experiência estética que visa desenhar os contornos ou os limites de uma imagem dependente de uma cronopolítica da memória. Então, voltado para Henri Bergson (2014), a sugestão está inscrita no momento em que a imagem se torna metáfora da duração porque sua natureza é estética. Por ser estética, está diretamente associada à interação e ao espaço. Traduzindo-as, fazem parte das políticas da memória enquanto disputas pelo tempo que, em nosso caso, não há dispensação de enxergar-lo sob os signos *diffusão* e *confusão*. No jogo entre separação e lugar-comum a

¹¹ Em outro momento acentuamos esta função energética incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro como parte deste salto realizado na imagem-originária a fim de preservar mais energia. Por isso, não devemos estranhar os *slogans Deus, Pátria e Família*, assim como o de *cidadão de bem*. Na cronopolítica da memória, a cronologização depende, sempre, da necessidade da forma. A representação do bolsonarismo no interior de Rondônia está calcada nessa cronopolítica da memória que visa combater o inimigo (Godoi, 2022; 2023; 2024).

¹² Essa transposição se torna indiferente à diferenciação da história que, na política da memória enquanto cronopolítica é cotidianamente antipática. Isso porque, considerando o sujeito suposto saber de Jaques Lacan (2001), não reconhece a cadeia de significantes em razão do poder-dizer de Jacques Derrida (1993), pois substitui a historicização pela automatização (Assmann, 2011).

fusão ocorre em meio aos espaços praticados cujos destinatários elaboram as estratégias de temporalização.

No caso específico de Rondônia sua imagem-originária centra-se por manter em absoluto os quatro personagens conceituais, até aqui apresentados, sem retirar a presença do ex-governador Jorge Teixeira de Oliveira figurado na antiga casa dos governadores, hoje Memorial Jorge Teixeira. No caso da experiência estética, tendo ela em dispensação o fardo do passado, dele resta energizar a imagem que pertence à necessidade da forma. Mais uma vez, necessidade essa que visa retirada do fantasma e reforça a utopia. Uma imagem-originária que não tem relação direta com o decolonial,¹³ pois os personagens conceituais incorporam o templo da memória que, a exemplo do complexo Memorial Rondon figura o dever de memória (local).¹⁴

O templo da memória tem em seu teto os virtuosos retratados na forma de museus e memoriais. Jorge Teixeira de Oliveira foi um militar encarregado de fazer nascer o novo estado brasileiro, aquele que contribuiu para a passagem/transposição de uma epopeia para a integração e modernização. A retirada do fantasma e consolidação da *história* regional. Uma cronopolítica que tomou o começo pelo fim e que energizou uma imagem por apresentar-lhe sentido originário que dependia da ambivalência e da transfiguração. Uma ambivalência que tinha os trilhos como modernização e barreira entre o novo e o antigo; uma transfiguração que incidia sobre a racialidade – geracional e linguagem. A consolidação do museu da EFMM faz apagar o amargor do sofrimento das doenças, da violência e do desalento para a consagração da superação do destemido migrante. Um militar que deixou a prefeitura de Manaus (AM) para assumir o governo do ex-território federal (1979); deslocamento a pedido do então presidente da República General João Batista Figueiredo. No ato da cerimônia de criação do estado (1981/2), também marcou a reabertura do trecho entre Porto Velho e Santo Antônio do Madeira, para fins turísticos da EFMM (Godoi, 2022; 2023; 2024).

A imagem-originária de Rondônia tem sua atualização incorpórea em Teixeiraão. Não se pode negar sua importância para o estado que surgira. Uma marcha iniciada desde 1956, em homenagem ao, já idoso, Marechal Rondon, consolidada em 1982 pelo

¹³ A afirmação acima não pode ser tomada no sentido de não haver outras narrativas mestras por isso, concorrentes. O caráter multicultural faz parte de Rondônia, o que inclui críticas acadêmicas e de outras instituições politicamente engajadas em questões étnico-raciais e de crítica social. Entretanto, neste momento, nosso objetivo é atentar para que tipo de necessidade, a forma ritualiza um conteúdo.

¹⁴ A feição da *itself* dessa imagem-originária alcança os povos originários da Terra Indígena Sete de Setembro dos Paiter Suruí, especialmente das linhas 9 e 10. O trabalho ocupa um lugar de retirada do exótico e do preguiçoso. Como exemplo, as plantações de café e cacau para além das tradicionais roças (Godoi, 2024).

Coronel Jorge Teixeira de Oliveira. Influência que marca a consolidação do memorial em sua homenagem, dois anos após sua morte. Esses dois personagens conceituais ultrapassam o drama da vida e ocupam o heroísmo, pois seus corpos virtuosos ecoam os ares da expectativa do tempo no cotidiano que energizam a política da memória interagida pelos destinatários.

No complexo do Memorial Rondon, não escapa de sua circunscrição os indígenas, a ferrovia e a capela. Os sinais da cadeia significante substitui Mato Grosso, seus confins, por integra-lo a Porto Velho, símbolo das Caixas D'Águas, por isso, moderna, elaborada, internacionalizada. Aos indígenas, sua interação como marca civilizatória, a exemplo da cultura de plantio, pastagem e investimento agroecológico, além do trabalho manual pelo artesanato. Rondon deixou sua historicidade para residir no prazer pelo passado rondoniense. Seu templo descreve a fusão ambivalente que mesmo nas diferenças dos regimes de historicidades a que agrega, substitui-os por fundilos em sua virtude. Seu retorno, enquanto epopeia às avessas, marcou a espera como substituição coroada desde 1956, pouco antes de sua morte, por homenageá-lo e comemorá-lo enquanto envio (Derrida, 1989). Como uma grande obra de arte, o processo interativo de seus destinatários assume o papel da plateia grega às avessas que, pela retórica testemunham os feitos de um herói local e da nação.¹⁵

O direito ao futuro decorre de uma necessidade estática da imagem. Sua duração intuída é estética, e ela, por retirar o fardo do passado, coloca em sua intriga um conteúdo prazenteiro a seus destinatários. A interação entre imagem-originária e destinatários depende do heroísmo e da paz. Um binômio que substitui uma imagem disforme sinalizada nas rachaduras do espelho quebrado ou que, enquanto quebrado, dá-se ao direito de desenhar uma imagem que contemple certa cronopolítica da memória. Um acesso requerido pelos destinatários que, pelo envio (performativo e performances) esforça-se em manter visível em vista do risco que as ondas do mar podem causar ao margear a praia (Derrida, 1989).

DIALÉTICA ENERGÉTICA

Considerar mais ou menos energia não significa falar de um esquecimento de reserva, mas de encobrimento e campo de batalha (Derrida, 1993). Estamos a lidar com

¹⁵ Rondon é comemorado nessa condição heroica tanto no memorial quanto no sistema de comunicação de televisão local.

uma experiência estética cujas performances e o performativo rivaliza com uma energia representante do *inimigo*, o vazio. A floresta sob os signos do inferno e do desgraçado sinaliza para sua contradição com vistas ao desenvolvimentismo, integração e modernização.¹⁶ Essa energia expansiva tem a inscrição do rosto existente como substituição da máscara. Logo, ao mascarado figura aquele que espreita pela janela, aquele cujo sinal é o alerta de perigo (Deleuze; Guattari, 1997). Na condição de pacificado, integra-se ao sertanismo rondoniano que faz parte da comemoração ou prazer pelo passado. Um ato narrativo importante, pois aqueles que não se encaixam nesta lógica, perdem o direito à fala, são silenciados, encobertos. Expressão de um tempo deslocado, inconveniente, que não faz parte da cronologização requerida na memória coletiva.

A energia da imagem-originária deve ser enxergada como disputa, pois sua natureza é dependente da metáfora da duração enquanto estática do tempo. Para-lo possibilita interação com os espectadores, suas emoções e sensibilidades são aguçadas com base na cadeia significante simulada como retirada da metáfora. Ou seja, aqueles a quem destina a imagem-originária, o cenário já é pintado e contornado, a exemplo do complexo do Memorial Rondon; um espaço de práticas interativas que fazem simulacro do reencontro entre tempo e espaço (Ankersmit, 2012). Nesse caso, a dinâmica da mais energia é que, no prazer pelo passado, os rondonienses cantam seus mortos com base em seus corpos virtuosos. Uma aplicação do que François Hartog (2013) registrara com base em Charles Peguy, onde início e fim não assumem uma posição simétrica entre antes e depois. A memória possui o poder de inverter ou negligenciar sua diferença. No campo da disputa pelo tempo, a memória desterritorializa a historicização do passado e o acalma nas dimensões do prazer, do afeto e da privatização – mesmo que o custo seja negligenciar o amargor, o sentimento de dívida, o trauma e a violência.

¹⁶ A estrutura estruturante, parafraseando Pierre Bourdieu (2014), concentra-se na ideia de confins da civilização, como descrevera Rondon na segunda tentativa de vencer a floresta, após a Serra dos Parecis, à outra margem do rio Juruena (1908). O momento de virada do séc. XIX na conjunção referencial de Rondon e a EFMM demonstra uma realidade tendo o vazio como o horror, pois ele estava à margem da civilização e da vida. Uma realidade a ser superada, unicamente, com projetos de integração, desenvolvimento tecnológico (transporte/comercial) e defesa nacional. Então, os personagens conceituais que povoam o plano do progresso, visam distanciamento e dispensação, por encobrimento e disputas pelo tempo, por enfatizar uma política da memória (coletiva) que se torne exemplar, justaposta e cronologizada. Então, vencer o inferno verde e os desgraçados (não transformados trabalhadores nacionais) se tornou o sinal tônico que reina a imagem-originária como expressão da necessidade da forma.

Figura 5-7. Memorial Rondon. Fonte: <https://rondonia.ro.gov.br/memorial-marechal-rondon-em-porto-velho/>

Figura 8. Turismo em Porto Velho: Conheça o Circuito das Artes. Fonte: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2023/01/06/o-que-fazer-em-porto-velho-turismo-conheca-o-circuito-das-artes.ghtml>



O que fora um município limite entre Mato Grosso e Amazonas, hoje se tornou um complexo turístico que compõe a capital do estado de Rondônia. Não somente um lugar de visitação, mas prazer pelo passado. A imagem do Marechal da Paz que representa o lugar-comum entre a fé, a modernidade e a pacificação está associado a uma imaginação social cujo cotidiano não pretende alinhar-se com outras narrativas mestras (Rüsen, 2009). Nesse sentido, no ano de reinauguração do complexo (2023) a relação com o passado é com base a uma cronopolítica que dispensa regimes de historicidades que não estejam em comunhão com a necessidade da forma, e ela é estética. Independente do amargor, traumas ou violências, o cotidiano assume interação com a imagem-originária que visa reforçar mais energia. As diferenciações promovidas pela história, a esse respeito, compõem o que estamos chamando de menos energia, ou seja, o que se torna desagradável – o amargo indesejado.

A esta altura de nossa argumentação, esperamos que o leitor já tenha ciência de que estamos lidando com uma ambivalência no interior da memória enquanto cronopolítica. Essa relação de elaborar e controlar narrativas por meio de sucessões temporais, não se empenha em apegar-se ou desvelar nada que não esteja vinculado ao senso de superação, modernização e integração. Estratégia da política da memória que traz uma intriga de pacificação da floresta: seus habitantes, da cultura, das doenças ou do território. Considerando a epopeia rondoniana, trata-se dos tempos de conflitos entre seringueiros e indígenas, da ferocidade, a dificuldade alimentar e de transportes, assim como das doenças (Rondon, 1957 apud Viveiros, 2010). Enquanto um militar que

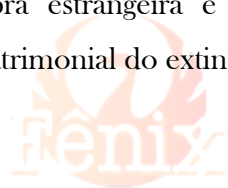
militava a paz em sua epopeia sertanista na floresta amazônica, o ar de suas recordações demonstra a satisfação de missão cumprida. Um eco agarrado à política da memória (coletiva) rondoniana dos rondonienses. Então, não é somente uma comemoração, mas um passado prazenteiro que coloca à margem qualquer sinal que perturbe a imagem-originária.

Um militar que vencendo o inferno verde (1909) fora consagrado no governo Teixeira (1982). Enquanto horizonte de uma expectativa do tempo no cotidiano, a cerca de 7,7 km de distância do memorial da antiga Santo Antônio do Madeira, está a casa do ex-governador que, hoje memorial, aponta a visão para a hidrelétrica de Santo Antônio, cujo horizonte é direcionado pelo Rio Madeira, que guarda o Complexo da EFMM, paralela a extinta cidade cuja descrição de Rondon em fins de 1909, fora de uma impressão melancólica (Rondon, 1957 apud Viveiros, 2010).¹⁷ Fomentar mais energia para imagem-originária, deixa em suspeição a historicização existente na cronopolítica. Mas, seria possível uma maneira de historicizar o passado a ponto de colocarmos em retirada a intuição, seja ela orientada por metodologias, experiência estética ou pelo crer? Bem, essa é uma pergunta que demandaria outras energias em vieses teóricos tanto quanto nos de contranarrativas.

Mais energia! Uma dialética que começa a ultrapassar os contornos de uma imagem-originária que adota o prazer como alimento a fim de sufocar o que se coloca como oposição. Uma imagem cujas águas do Rio Madeira compensam a deterioração do tempo, cujo tempo está para o cumprimento de trajeto, podendo ser medido, controlado ou abreviado (Bergson, 2014). Disposição que silencia, encobre, controla, sela. Para além de uma defesa pedagógica de valorização de uma ancestralidade exemplar ou necessária para o aprendizado como mudança do passado rumo a um futuro cuja síntese não é o mais importante, de valorização das contingências e da diversidade em função de uma mito hermenêutica (Almeida; Ferreira-Santos, 2019); essa dialética já possui razões práticas em disputas, pois os cenários se configuram margeando a ambivalência do originário. Porém, essa ambivalência não dispensa a estética, pois há jogo de imagens que precisam capturar a atenção dos observadores ou expectadores que podem *interagir* e *reagir* com base em suas militâncias e engajamentos.

¹⁷ O drama da vida, de sua ansiedade ou de seu fardo, é anulado em razão de uma imagem que sinaliza um selo de garantia, mesmo que nostálgico. O Rio Madeira que dá mais energia à imagem-originária no séc. XXI é, também, o rio que levou embora um militar doente, na primeira década do séc. XX, a fim de ser tratado devido a complicações decorrente das doenças acometidas pela floresta. Um destemido que fora quase morto por indígenas e que estivera perdido na floresta (Rondon, 1957 apud Viveiros, 2010). Porém, sob o signo da superação, esse drama não cabe na necessidade da forma.

O tempo deixa de ser compreendido sob a fluidez e plasticidade para atender a uma demanda dos espaços praticados. Neles, narrativas mestras estão em conflito, porém, a respeito desta discussão, a justaposição do tempo tem contribuído, ao cotidiano, em vias de superposição habilitada em meio a uma experiência estética, sendo sua pragmática vista e revista por mais energia. Contranarrativas existem e estão em campo de batalha, porém, enquanto tivermos em Rondônia uma interpretação que se associe à nostalgia rondoniense, que pese para a expressão *somos destemidos pioneiros*; à alteridade cumpre o dever de menos energia em um cotidiano indiferente às diferenças. Expressão essa que circula em camisetas de lojas, vinheta televisiva, redes sociais e páginas oficiais da administração pública; e informa-nos que existe um plano povoado por conceitos (Deleuze; Guattari, 1997). Um plano que carrega seus pseudônimos: progresso, modernização e desenvolvimentismo. A inte(g)ração realiza-se em meio a cronopolítica cujos personagens conceituais compõem cadeia significativa. Rondon por Marechal da Paz e da Selva, linhas telegráficas, humanista. A EFMM por trilhos, museus, locomotivas, trabalhadores; as Caixas D'Águas por investimentos internacionais, mão-de-obra estrangeira e a Capela de Santo Antônio de Pádua por herança material e patrimonial do extinto município mato-grossense a ser comemorada.



www.revistafenix.pro.br

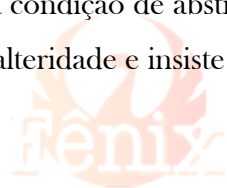
CONCLUSÃO

Enquanto ambivalência, a política da memória energiza-se na cronopolítica porque sua disputa pelo tempo tem como superposição uma necessidade que interfere na relação entre forma e conteúdo. De nossa parte, dar atenção para essa relação depende de um presumido, de oposição em função do horror ao vazio. Motivo que, em algumas vezes, é mencionado como fantasma. Os pseudônimos do plano figuram um rosto existente que se consolida nos seus personagens conceituais. Na metáfora dos trilhos, considerando o lugar-comum de interação entre os destinatários e a imagem-originária, a pacificação e a superação ao inferno verde é vista como certa – ao menos no cotidiano enquanto expectativa do tempo. Porém, não se pode negligenciar que o rosto existente depende do jogo das máscaras que é realizado na sensibilidade do presente. Certo prazer pelo passado cuja finalidade é por sucessões contínuas como discurso da justaposição do tempo.

Ao mascarado, o que acende o sinal de alerta, não está associado diretamente aos povos originários ou populações tradicionais, mas ao que foi superado. Na mais

energia, o acervo (vida e obra) de Rondon faz-se como misto em relação à realidade existente na floresta que precedia sua passagem e sua superação. Enquanto dois regimes de signos, o rosto existente assumiu como rota de fuga colocar do outro lado dos trilhos aquilo que é disforme (Deleuze; Guattari, 1997). Com isso, podemos conjecturar o alcance das palavras de Teixeira, no discurso de criação do estado de Rondônia, que haveria o tempo em que ao olhar para trás, os homens destemidos, migrantes, dariam uma nova feição para a região, tanto étnica quanto de linguagem (Godoi, 2022; 2023). Então, na ambivalência contida no interior da cronopolítica da memória, o indígena não está associado ao bárbaro ou ao selvagem. Essa situação descrita pertence aos desgraçados ou aos não dados ao trabalho. Situação superada, pois a modernização chegou para todos e a pacificação com qual fora arranjada no interior do Memorial Rondon, representa que, pelo trabalho dos destemidos pioneiros, esse tempo está selado naquilo que não faz mais parte da realidade.

A ambivalência sustenta a política da memória que necessita reativar, encobrindo, o inimigo. Essa forma escatológica de interagir com o passado coloca o outro na condição de abstração, negação. Mais energia reforça o caráter exótico da relação com a alteridade e insiste numa leitura monumental do passado.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de; FERREIRA-SANTOS, Marcos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: história e cultura afro-brasileira e indígena. In: **Antropolíticas da Educação**. 3ª. ed.; São Paulo: FEUSP, 2019.
- ANKERSMIT, Frank. **A escrita da História: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012.
- ASSAMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2011.
- BERGSON, Henri. **Leçons d'Esthétique à Clermont-Ferrand: leçons de morale, psychologie et métaphysique au Lycée Henri-IV, cours II**. 1ª éd. France: PUF, 1992.
- BERGSON, Henri. **Oeuvres Complètes**. France: Arvensa Éditions, 2014. *E-book*.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-92)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **La Desconstrucción en las Fronteras de la Filosofía**: la retirada de la metáfora. Barcelona: Ed. Paidós: Universidad de Autónoma de Barcelona, 1989.

DERRIDA, Jacques. **La Voix et le Phénomène**. France: Quadrige: Puf, 1993.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha; OLIVEIRA, João Pacheco de. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: UNESCO: Ford Foundation: LACED: Ministério da Educação, 2006.

GODOI, Rodrigo Tavares. A experiência estética do militarismo em Rondônia: nos contornos de uma contingência. **Trilhas da História**, v. 13, n. 25, p. 296-315, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/18400>. Acesso em: 12 abr. 2024.

GODOI, Rodrigo Tavares. (In)confiabilidade da memória como introdução à interpretação temporal da lembrança: um diálogo com Aleida Assmann. **Trilhas da História**, v. 10, n. 18, p. 161-188, 2020. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10100>. Acesso em: 11 abr. 2024.

GODOI, Rodrigo Tavares Godoi. Experiência estética: a pragmática como desilusão da referência e a plasticidade da memória coletiva. In: BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. **História (Re)Sentida. Compreensão ética e estética de arquétipos autoritários brasileiros**: ensaios de historiografia crítica em contexto de crise de sentido. Vitória: Ed. Milfontes, 2022.

GODOI, Rodrigo Tavares. Experiência e imagem na ambivalência do originário em Rondônia: o trabalho como discurso performativo. **Mosaico - Revista de História**, v. 17, n. 2, p. 117-133, 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/14114>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Entre a evidência e o indício: pistas para uma hermenêutica da memória. In: MORAIS, Julierme (org.) **A História sob o Olhar Crítico**: reflexões sobre teoria, religiosidade e crise. São Leopoldo: Oikos, 2018.

GOMES, Ana Kézia. Turismo em Porto Velho: conheça o circuito das artes. **G1 Rondônia**, 06 jan 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2023/01/06/o-que-fazer-em-porto-velho-turismo-conheca-o-circuito-das-artes.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2024.

HARTOG, François. **Os Antigos, o Passado e o Presente**. Brasília: Ed. UnB, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Tiempo e Historia**. Madrid: Ed. Trotta, 2009.

HOLANDA, Diego. Com acervo que conta a vida do 1º governador de RO, Memorial Jorge Teixeira é reaberto ao público. **G1 RO**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2019/06/05/com-acervo-que-counta-a-vida-do-1o-governador-de-ro-memorial-jorge-teixeira-e-reaberto-ao-publico.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2024.

IPATRIMÔNIO. Capela de Santo Antônio de Pádua. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/porto-velho-capela-de-santo-antonio-de-padua/#!/map=38329&loc=-8.808139721011042,-63.9445023300237,17>. Acesso em: 13 ago. 2024.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

LACAN, Jacques. **Autres Écrits**. France: Seuil, 2001.

MEMORIAL Marechal Rondon em Porto Velho. **SECOM. Portal do Governo do Estado de Rondônia**, 15 dez 2015. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/memorial-marechal-rondon-em-porto-velho/>. Acesso em: 30 ago 2024.

OLIVERIA, João Pacheco de. Os índios e a civilização. In: MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil: um banquete no trópico. 2ª ed.; São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

PERELMAN, Chaïn. **L'Empire Rhétorique**: rhétorique et argumentation. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2012.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 20 out. 2024.

VIVEIROS, Esther Maria Terestrello da Câmara de. **Rondon Conta a sua Vida**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

WIKIPÉDIA. Ficheiro: Caixas d'água.jpg. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Caixas_d%27%C3%A1gua.jpg. Acesso em: 13 ago. 2024.

WIKIPÉDIA. Cândido Rondon Jovem, na Amazônia Brasileira. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Rondon. Acesso em: 13 ago. 2024.

WIKIPÉDIA. Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Madeira-Mamor%C3%A9. Acesso em: 13 ago. 2024.

YATES, Frances A. **A arte da Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RECEBIDO EM: 12/09/2024

PARECER DADO EM: 21/11/2024